

**PESQUISA APONTA**

# Quase 6 milhões saem da miséria

Apenas durante o ano passado, 5,9 milhões de pessoas deixaram de ser miseráveis no Brasil. Do primeiro mandato do governo Lula até agora, a miséria já recuou 27,7%. Os dados são de levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

 **Poder, 9.**

# Miséria cai 27,7% no governo de Lula

## ESTABILIZAÇÃO

Pesquisa da FGV mostra avanços no combate à pobreza extrema no País

RIO DE JANEIRO

Agência Estado

A miséria no País caiu 27,7% no primeiro mandato do Governo Lula, percentual que supera o recuo de 24,3% registrado em todo o governo Fernando Henrique. Os dados são de levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Apenas em 2006, 5,9 milhões de pessoas deixaram de ser miseráveis, uma redução de 15% ante 2006, a maior desde 1987. O estudo também conclui que, desde 1982, as políticas de renda no País acompanham o calendário eleitoral: favorecem a população no ano da campanha e penalizam no seguinte.

A fatia da população que vive em situação de miséria, que era de 35,16% em 1992, recuou dos 22,77% em 2005 para 19,31% no ano passado. O cálculo da redução da desigualdade na era FHC levou em conta o período de 1993 a 2002, apesar de ter sido eleito em 1994, porque não houve Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad) neste ano e porque Fernando Henrique foi o mentor do Plano Real. O levantamento considera em miséria os que vivem com renda *per capita* familiar inferior a R\$ 125,00 ao mês, que, em 2006, somavam 36 milhões de

pessoas em todo o País.

Na avaliação do coordenador do trabalho, Marcelo Neri, o início do Real e o ano de 2006 são marcos na redução da miséria no País. "Os dois (Fernando Henrique e Lula) vão ficar para a história como redutores da pobreza", comenta o economista, citando que parte dos ganhos atuais são possíveis a partir da estabilização da economia e investimentos em educação na década passada. Os dados mostram que a queda da miséria no primeiro mandato de FHC (1993 a 1998) foi de 23% e de 1,7% no segundo (de 1998 a 2002).

## BOLSA FAMÍLIA

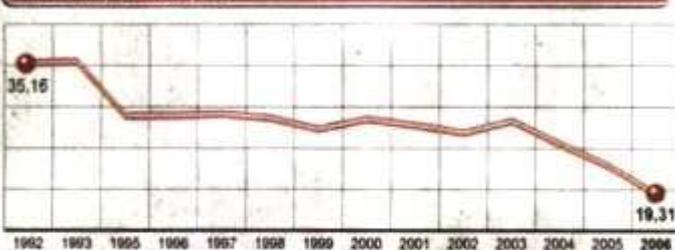
O levantamento também revela que nos anos eleitorais a pobreza caiu, em média, 7,6%, e subiu 3,7% no ano seguinte. "No Brasil, isso evoluiu em sintonia com o calendário eleitoral. Entregam-se boas notícias antes das eleições", diz ele. Nei cita que o Plano Real foi a boa notícia de 1994, assim como o reajuste de 16% do salário mínimo e a expansão do Bolsa Família foram os dados favoráveis de 2006. "Há uma evidência clara, não é de Lula ou Fernando Henrique, mas de todos na nova democracia brasileira", afirma.

Ainda assim, o especialista destaca que a queda da miséria tem sido continuada e que isso é uma vitória. Na avaliação de Neri, o ano de 2007 deverá ser tão bom quanto o ano passado e isso quebraria a tradição de "más notícias"

## POBREZA E MISÉRIA NO BRASIL

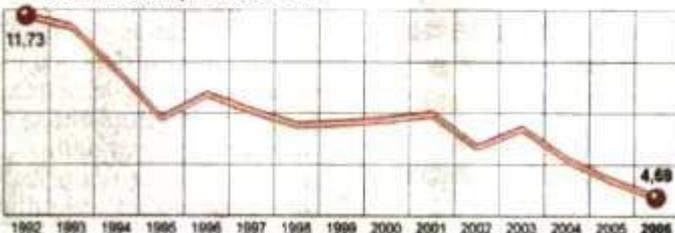
### Dados da FGV (%)

#### MISÉRIA (POPULAÇÃO)



#### POBREZA EXTREMA

☛ Quem vive com apenas US\$ 1 dia



#### RENDA E CICLOS ELEITORAIS

☛ Variação

1982	3,0	1990	-2	2001	2
1983	-23	1992	-3	2002	1
1984	0	1993	-2	2003	-4
1985	20	1995	25	2004	6
1986	53	1996	0	2005	9
1987	-27	1997	3	2006	10
1988	-11	1998	2		
1989	6	1999	-4		

■ Ano eleitoral  
■ Ano pós-eleitoral

#### MISÉRIA E GOVERNO

PRESIDENTE	PERÍODO	VARIAÇÃO ANUAL
FHC 1	1993/1998	-5,10
FHC 2	1998/2002	-0,43
Lula 1	2002/2006	-7,79



FONTE: FGV

**Mais de 36 milhões de brasileiros ainda vivem com renda familiar inferior a R\$ 125,00 por mês**

depois de anos de disputa eleitoral. Ele projeta, por exemplo, que a geração de vagas formais poderá superar a de 2004 (2,7 milhões), o que faria o estoque de vagas abertas entre 2004 e

2007 cravar 10 milhões - total projetado na candidatura Lula para os quatro anos do primeiro mandato. Os principais motivos para redução da miséria no País tem sido, além da melhoria do mercado de trabalho, programas sociais como o Bolsa Família e os ganhos reais dos salários mínimos. Neri defende a expansão do Bolsa Família, que ele chama de um "Bolsa Escola 2.0" (programa do Governo FHC), mas critica o uso do salário mínimo como indutor da redução de desigualdades. Segundo ele, cada R\$ 1,00 gasto com o Bolsa Família reduz a pobreza duas vezes e meia mais do que cada R\$ 1,00 de reajuste no salário mínimo. Além disso, cita o problema previdenciário, agravado com os aumentos reais elevados do salário mínimo.

### METAS

Os dados do levantamento também revelam que a pobreza extrema caiu 60% entre 1993 e 2006, mais rápido do que o exigido as Metas do Milênio. A pobreza extrema inclui os que vivem com menos do que o equivalente a US\$ 1 por dia. A meta, uma das mais difundidas da Organização das Nações Unidas (ONU), previa redução à metade da pobreza extrema em 25 anos - o Brasil alcançou o objetivo entre 1992 e 2005. Neste período, a miséria extrema encolheu de 11,31% para 4,69%. "Esse é um momento histórico para o Brasil", afirma o economista.

### REAÇÃO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva se disse feliz com o resultado dos indicadores sociais e econômicos apresentados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, e por estudos que apontaram forte queda da pobreza nos quatro anos de seu primeiro mandato. Para Lula, esses resultados são fruto da política econômica adotada pelo seu governo. "Não bastassem outros motivos para eu estar feliz, a gente vê a pesquisa do IBGE sobre o crescimento da economia brasileira, sobre o crescimento da produção industrial, e vê os números da PNAD que demonstram que a semente plantada e adubada dá resultado", discursou para uma platéia de prefeitos de cidades pequenas, representantes de comunidades quilombolas e indígenas.

Em seu discurso, Lula elogiou o Congresso e dividiu com os parlamentares - dos quais tenta arrancar a prorrogação da CPMF - os louros de sua gestão. "Quem é parceiro, é parceiro para comer o prato cheio ou para ficar olhando o prato vazio junto. Não precisamos jogar a culpa nos outros. Precisamos consertar o que não está andando". Lula disse que espera deixar como legado a seu sucessor um país mais arrumado. "O grande legado que eu espero que um presidente da República como eu deixe para o meu sucessor é ele pegar um país muito mais arrumado, muito mais engrenado", concluiu.